



Sarney em Pirassununga: «Minha função é harmonizar os conflitos existentes. E o segredo da paz».

Sarney: "Não faço o que quero, mas o que posso"

12 DEZ 1987 12 DEZ 1987

Pirassununga — "Eu não estou fazendo o governo que eu quero, e sim o que eu posso". Este foi o ponto alto de uma entrevista do presidente José Sarney, no início da tarde de ontem. Ele estava nas dependências da Academia da Força Aérea para mais uma formatura de oficiais. Depois da solenidade, e antes do embarque para Brasília, o Presidente falou com os jornalistas.

— É verdadeira sua afirmação de que, se não fosse pelo senhor, haveria a ditadura no País?

— Eu não afirmei que se não fosse por mim haveria a ditadura no País. Eu disse que, com minha prudência e o meu temperamento, tenho me recusado a atender aos que sempre dizem que está na hora de se dar um murro na mesa. Acho que, em um momento de transição, devemos sempre buscar o diálogo e não soluções que possam afastar de uma participação na vida nacional todas as correntes políticas e ideológicas.

— Como o senhor vê o crescimento da tese de um mandato de cinco anos para o senhor?

— Este assunto, já tive oportunidade de dizer, é um de que eu não tenho qualquer interferência. Não vou ter e não pretendo ter. Quando falei em cinco anos, achava que era um prazo necessário à consolidação do processo democrático

Ministros militares apóiam o desabafo

Pirassununga — Os ministros militares apoiaram o desabafo do presidente José Sarney em relação à falta de apoio dos partidos políticos a seu Governo, apesar das crises inerentes ao processo de transição. O ministro-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Paulo Roberto Camarinha, disse ontem, na Academia da Força Aérea, que estranhava a falta de suporte a um governo "que trabalha tranqüila e seriamente em prol da transição democrática".

"Mas isto pode mudar" — ressaltou. "A Assembléia Nacional Constituinte agora conta com um grupo que parece mais alinhado com as teses da maioria da população brasileira. Antes, eram necessários apenas 47 votos para a aprovação de uma emenda na Comissão de Sistematização. Agora, são precisos 280 parlamentares e parece que esta maioria está sintonizada com as teses do Governo."

Depois de apresentar o único formando maranhense ao presidente da República, o ministro Moreira Lima, da Aeronáutica, resolveu descer ao local destinado à imprensa.

"Acho que o Presidente é um homem extremamente paciente" — disse. "Às vezes, ele é injustamente criticado por ser paciente demais. Mas, na situação de transição que estamos vivendo, se o Presidente fosse mais sangue quente talvez estivéssemos atravessando dificuldades maiores".

Sobre oposição das Forças Armadas em relação aos cinco anos de mandato para o presidente Sarney, disse o ministro: "As Forças Armadas não têm uma posição sobre o assunto. Pessoalmente, acho que cinco anos serviriam melhor ao processo de transição política.

de transição. Mas, o que a Constituinte decidir, eu estarei pronto a apoiar e viabilizar, porque entendo que ela é livre e soberana e representa a vontade do povo brasileiro. Portanto, se ela decidir, só terei de apoiar, sem de nenhuma maneira interferir.

— O PMDB, seria o responsável pelas dificuldades políticas que atravessamos?

— Eu disse que, na realidade, não tenho recebido o apoio político de um partido. Todos têm de saber que durante este período, a faixa de ocupação política foi dividida. O PMDB se dividiu e isto, de certa forma, desestabilizou o apoio que o presidente da República teria para a transição. Mas, eu me mantive em absoluta tranqüilidade e determinação para fechar este processo de transição.

Se compararmos o Brasil com os outros países do mundo veremos que estamos terminando o ano crescendo. Com todas as dificuldades, mas crescendo. O País está em paz e a taxa de desemprego está caindo. Em suma: não vamos terminar o ano sem grandes conquistas. Estamos vendo a consolidação de um País democrático em todos os seus setores.

— O senhor está satisfeito com o seu Governo?

— Acho que estou fazendo um governo que é o possível de se

fazer. Desejaria fazer muito mais. Mas, isto não depende somente da gente. O presidente da República não é o senhor do mundo. Ele não é o que pode tudo. Ele está submetido à realidade. Humildemente, tenho esta sensibilidade: não atropelar os fatos e impor a minha vontade, as minhas paixões ou as minhas emoções a um processo que decorre da minha posição de presidente da República. Tenho de cumprir a minha função como o chefe de uma Nação democrática, harmonizando os conflitos existentes. Ai é que está o verdadeiro segredo da paz.

— Por que o senhor está satisfeito com seu Governo?

— O problema é que ninguém faz o que quer, e sim o que pode. Cada ser humano, inclusive os senhores, jornalistas, tem um projeto pessoal que poderia ser bem melhor que o seu momento atual. Mas, estamos submetidos à realidade. O presidente da República não foge a esta regra. O povo brasileiro não deve ingressar na linha do protesto, na linha do ressentimento. O povo brasileiro tem de saber que este País está destinado a um grande futuro. Se ele se perder agora, nesta fase de pessimismo, e se inocular com o desânimo, isto prejudicará o futuro do País e comprometerá as futuras gerações. Por isso eu sou eternamente um otimista.

Balbúrdia institucional

O presidente José Sarney criticou ontem o projeto da Comissão de Sistematização, afirmando que a Constituinte "não pode ser julgada por uma minoria que tentou nestes meses dar-lhe uma aparência nacional de uma balbúrdia institucional". Numa referência indireta ao "Centrão", Sarney afirmou ser preciso confiar nessa "maioria de homens públicos que pensa no Brasil e no seu futuro".

O presidente José Sarney fez essas observações no programa Conversa ao pé do rádio, quando afirmou, ainda, ter a consciência de que praticou a democracia e que chega ao final do ano dando exemplo de paciência e tolerância. E enfatizou: "Eu sei que, se tivéssemos hoje um presidente que quisesse impor sua ambição, exercer seus poderes para impor a sua vontade, para dar o famoso "murro na mesa" que muitos têm me aconselhado, nós estaríamos hoje ou na ditadura ou no terrorismo. E o Brasil não deseja nem uma coisa nem outra. O Brasil deseja é paz e tranqüilidade".

Balbúrdia

Seja qual for o sistema de Governo ou o tempo de mandato aprovado pelo plenário da Constituinte, o presidente José Sarney está decidido a acatar qualquer decisão da Assembléia. Ontem, ao retornar de Pirassununga (SP), o Presidente da República concedeu entrevista na Base Aérea de Brasília, reiterando sua disposição em aceitar o resultado e trabalhar para que seja viabilizada a decisão adotada pelos Constituintes.

"Eu cumprirei" — disse o

Presidente — "qualquer decisão da Assembléia Constituinte. Se passar o parlamentarismo, se passar qualquer decisão. Eu jurei defender a Constituição. Isso é uma obrigação que eu tenho para com o País. E eu não jurei para não cumprir".

Sarney voltou a dizer que sua defesa em favor dos cinco anos não foi uma tomada de decisão pessoal. Ele afirmou que a Comissão de Sistematização se decidiu "e para que eu não possa ser interpretado como defensor de uma posição pessoal, que eu não tenho, nunca tive e nunca quereirei ter, entrego à Constituinte e dividirei com ela as responsabilidades dessa decisão."

Minoria

Depois de dizer que a Assembléia Constituinte teve alguns problemas e, por essa razão os trabalhos se retardam, o Presidente voltou a se referir à "minoria" que aprovou quatro anos de mandato para o atual Presidente da República.

"Devemos distinguir" — disse Sarney — "duas coisas: uma é a Assembléia Nacional Constituinte e a outra é uma minoria, bem pequena, que realmente colocou alguns pontos dentro do projeto da Constituição que dificultarão a governabilidade do País. Mas isso não representa a vontade, naturalmente, da maioria da Constituinte, que é integrada por homens públicos da maior responsabilidade e da maior experiência. Acredito que nesse entrelaço de correntes, nós vamos fazer uma Constituição que seja a melhor, moderna, com avanços sociais. Uma Constituição que possa servir ao País".